O PAPEL DA COMPANHIA DE JESUS NO RENASCIMENTO

Luís Sucupira

Diz Nicolau Berdiaeff que, na história, como em a natureza, existe um ritmo, uma sucessão rítmica de épocas e de períodos, uma alternação de tipos diversos de cultura, de fluxo e de refluxo, de soerguimentos e de esmorecimentos.

Na verdade, é próprio da vida o desenvolver em ciclos e estádios, numa ascensão e numa descensão, que marcam as estações de tempo, como as variações atmosféricas sistematizam as modificações da natureza.

Daí a tendência perfeitamente humana de procurar na história um demarcamento lógico para melhor compreensão do passado. Buscam-se os acontecimentos mais destacados e mais retumbantes para a fixação de períodos cronológicos da vida do homem na terra. E é assim que se vai dividindo a história em antiga, média, moderna e contemporânea, tentando-se balizar esses trechos, arbitrariamente propostos, em fatos que muitas vezes não encerram a significação que se lhes quer atribuir.

Por que apontar a divisão do Império Romano, em 395, como o fim da Idade Antiga e começo da Idade Média e marcar o ano de 1453, quando ocorre a tomada de Contantinopla para início do Renascimento?

Trata-se, por sem dúvida, e com certeza, de medida tendente a facilitar a compreensão de certos acontecimentos, pois, na realidade, para os que não se contentam em ver o passado, mas em meditá-lo, a história não apresenta esse rigorismo nem esse caráter de fatalidade matemática.

Não resta dúvida de que o esfacelamento do Império Romano pode acentuar o fim de uma época, mas nem essa queda efetuou-se num abrir e fechar de olhos, como os grandes cataclismos naturais, nem ela se daria se outros fatores não houvessem concorrido para a sua manifestação.

O mesmo pode-se afirmar do fim da Idade Média. Caracteriza-o, sobretudo, a volta do homem ao culto ao homem, donde o termo *humanismo,* o qual, aliás, segundo Luiz Dimier, não passa de invenção moderna, pois o que a Renascença conheceu foi a palavra *humanidades.*

Como conseqüência desse modo de encarar a vida, rompeu-se a unidade de pensamento que o Medievalismo, por tantos anos, estabelecera, sob a autoridade única da Igreja, e o sentimento de revolta estendeu-se ao terreno espiritual, dando origem à Reforma Protestante.

É indiscutível que a Reforma nasceu do movimento humanista, embora este, ao surgir, não envolvesse a idéia de rebelião contra a Igreja, tanto assim que é num papa, Pio II, que vamos encontrar um dos mais destacados propugnadores do verdadeiro humanismo. Mas a Reforma, desde o começo, foi uma rebelião declarada. Berdiaeff atribui-a menos ao sentimento religioso que ao temperamento de uma raça: o temperamento da raça germânica, nórdica, pobre de sol, privada de dons pictóricos e plásticos, mas dotada espiritualmente de uma profundeza original. Dessa Reforma, que veio como que encerrar o ciclo de transição do Renascimento, decorreu a evolução da história moderna, agora agonizando num sem número de ideologias estranhas, a começar pelo enciclopedismo, passando pela Revolução Francesa, descendo, após, ao Positivismo e ao Socialismo de hoje, em suas múltiplas manifestações políticas.

Merece por certo ser realçado que cada um dos períodos atravessados pela humanidade na sua evolução através dos tempos se tem afirmado em repercussões bem definidas: A Idade Média concorreu para especificações políticas, na construção dos Estados Modernos; a Renascença apresentou o desbordamento do espírito de crítica intelectual, e o dendeusamento das ciências; a Idade Moderna abandonou o teorismo das cogitações abstratas, preferindo a luta de classes e as reformas sociais, mesmo as mais absurdas.

Ora, foi no pleno dealbar do Renascimento que apareceu Inácio de Loiola. Os Estados europeus se viam às voltas com as lutas de pensamento e de consciência, insufladas por Lutero. Por um lado procurava-se fugir à disciplina da Igreja, negando-lhe submissão espiritual, por outro recusava-se admitir a sua autoridade no campo literário e filosófico, sendo este partido, aliás, o mais precioso auxiliar da Reforma nas suas arremtidas contra Roma.

A desordem mental era evidente. A desagregação protestante levava à destruição do movimento educativo que a Idade Média construíra trabalhosa e pacientemente. Caminhava-se para uma grande conturbação intelectual, porque, segundo Paulo Monröe, o traço fundamental da Renascença era o individualismo.

A Companhia de Jesus aparece, então, encabeçando a Contra-Reforma. E não se limita a reagir no campo religioso, propriamente dito. Não segue o exemplo dos Frades Pregadores, de São Domingos, ou dos Irmãos Menores, de São Francisco. Enquanto os Dominicanos se entregavam aos estudos teológicos e os Franciscanos à pregação popular, os Jesuítas, compreendendo o espírito da época, onde imperava o humanismo, aplicaram-se à formação literária e científica, sem esquecer, porém, a filosofia e a teologia.

Daí a *Ratio Studiorum,* fruto da observação dos métodos então adotados e da experiência que se ia adquirindo. Como toda obra jesuítica, a *Ratio Studiorum* não é produto de um homem, nem mesmo de um país. Em 1584

apresentava o Geral da Companhia, padre Acquaviva, ao Papa Gregório XIII, a comissão incumbida de organizar o projeto da *Ratio*.

Compunham-na os padres Azor, representando a Espanha; Gonzalez, Portugal; Tyrius, França; Buséu, Áustria; Goyson, Alemanha e Tucci, Roma. O trabalho exigiu um ano de esforços e, quando pronto, apesar de aprovado pela Sé Apostólica e pela Companhia, foi novamente examinado por outra comissão composta dos padres Fonseca, Costar, Morales, Adorno, Clerc, Dekam, Maldonado, Cagliardi, Acosta, Ribera, Gonzalez e Pardo. Depois desse estudo, ainda não se contenta Aquaviva e remete o projeto às províncias, a fim de cada uma entregá-lo ao exame particular de cinco jesuítas e depois à crítica de toda a comunidade.

As observações, ressalvas e sugestões volvem a Roma e, depois de assentado o novo projeto, ainda uma vez o devolveram às províncias em 1591, para uma experiência prática, e só em 1599 recebeu a *Ratio Studiorum* aprovação definitiva, com as alterações aconselhadas na sua aplicação provisória.

Isso vem provar como foi segura, serena e firme a ação da Companhia de Jesus no terreno pedagógico.

Viram perfeitamente Loiola e seus discípulos que a humanidade enveredava por novos caminhos. Compreenderam que a luta se afastava do terreno da Fé propriamente dito, para desenvolver-se no campo das ciências.

Era preciso não deixar firmar-se o preconceito de que a ciência incompatibilizava-se com a fé. E isso exigia que a formação do intelecto se desdobrasse numa unidade e numa concentração ordenadas e graduadas, evitando-se o autodidatismo nas ciências ou o improviso na filosofia, ameaça volumosa para a época. A ânsia de realizar movia os reformadores da religião e da cultura. O interesse por novos rumos dava à vida intelectual e espiritual um acervo de críticas e teorias muito mais negativas que construtivas. Procurava-se criar destruindo, máxime quando esse espírito de destruição estava animado contra o grande arquiteto dos bens temporais e sobrenaturais vigentes: a Igreja Católica.

Os jesuítas "atentos ao fim essencialmente prático da sua vocação e ilustrados pelas críticas e reformas já aparecidas" puderam traçar verdadeiros rumos ao ensino em todos os seus graus, concorrendo, assim, para um verdadeiro Renascimento cultural de que ainda hoje se beneficia a humanidade.

Daí a frase de Bacon: *nihil enim, quod in usum venit, his melius,* ao referir-se às escolas dos Jesuítas, ou para transcrever a frase toda: No tocante à Pedagogia, basta examinar as escolas jesuítas, pois nada do que existe é melhor do que elas.

E Paulo Monröe, protestante e naturalista, não se teme de afirmar que essas escolas "foram as instituições educativas de maior êxito por duzentos anos, e educaram muitos dos líderes da Europa nesse período".

Realmente, no segundo quartel do século XVII, o número dos colégios dos jesuítas subia a 372. Ao iniciar-se o século XVIII mantinham eles 612 colégios, 157 escolas normais, 24 universidades e 200 missões. A freqüência a esses estabelecimentos era elevadíssima, sendo que somente em Paris ia acima de 13.000, figurando alguns deles com a matrícula de 2.000 estudantes.

Pode-se afirmar que o Renascimento é mais obra da Companhia de Jesus do que de qualquer outro motivo humano. Ao homem ansioso de reforma e de modificação foi apontado um novo ideal de vida, novas aspirações para o desenvolvimento da personalidade, novas formas de compreender e de sentir o belo. Mas esse movimento cairia fatalmente na desordem que atingira a evolução cultural dos antigos, se a Companhia de Jesus não transformasse o rumo do humanismo nascente, dando-lhe um conceito de espiritualidade sadia e sobrenatural.

E o fato é que, onde não penetrava o influxo da verdade católica, ou onde era ela desprezada, havia idéias brilhantes e havia pensamento bem expresso, mas faltava a solidez estrutural de uma ordem interior e de perfeição exterior. E, por isso, afirmava o próprio Rabelais, esse homem de quem disse La Bruyère ser o encanto da canalha, quando mau, e excelente e delicioso quando bom, que a "a ciência sem consciência é tão-somente ruína da alma".

A pedagogia jesuítica não deseja a ruína da alma, não quer o aniquilamento da personalidade, não procura o endeusamento da ciência. Fiel à sua máxima de tudo fazer para a glória de Deus, quer a Companhia que as letras, as artes, a cultura e a inteligência também sirvam de pedestal para a realização de seu intento. E enquanto Spencer dá a natureza como fim da educação, Comte, a humanidade; Rosseau, a liberdade; Freud, a sexualidade; Dewey, a sociedade; Wundt, a cultura; Emerson, o indivíduo, a Sociedade de Jesus reconhece na pedagogia uma disciplina teológica, ou seja, o melhor caminho para levar o homem até Deus.

Se se quer formar um homem novo, se se procura um novo ideal, aí está Jesus Cristo, Aquele que Clemente de Alexandria já chamava de Pedagogo. Se se procura a vida, aí esta Ele, que também é caminho e é verdade. E para segui-lo não precisa o homem despojar-se da sua ciência, renegar a sua pessoa, desprezar os seus ideais. Pelo contrário, quanto mais senhor de si, quanto mais culto, quanto mais determinado a atingir um fim, tanto mais cristão deverá ser, porque o cristão é o homem que sabe querer.

E o exemplo da força realizadora superior da pedagogia inaciana temo-lo em nós mesmos, os brasileiros. O Brasil é obra dos Jesuítas. Quero referir-me ao Brasil humano, ao Brasil intelectual, ao Brasil mental que somos hoje.

O primeiro contacto da nossa gente brasílea com as luzes do saber efetivou-se nesse encontro de Manoel da Nóbrega com o aborígene. Ao sentar pé no mundo novo o jesuíta não pensou nas riquezas da terra nem na

beleza da gente, como esse admirável Caminha. Olhou para as almas e apalpou-lhes a inteligência. E viu que ali estava a sua empresa. E começou por fundar colégios. Em 1554 já fala Anchieta, nas suas cartas, em meninos que freqüentavam a escola de Piratininga. Em 1556 estabeleceu-se o primeiro colégio, em São Paulo e o segundo na Bahia, logo depois. Em 1567 o Rio de Janeiro é a sede para o terceiro colégio e logo em seguida surge o quarto em Olinda.

Enquanto a Metrópole fechava as tipografias brasileiras, os jesuítas espalhavam o livro copiado a mão. E num simples espaço de vinte anos, segundo Afrânio Peixoto, os índios já não se comem, já têm sua família, uma mulher, uma casa, uma roça; os filhos aprendem e por eles já querem escrever à Rainha, por mulheres piedosas, que lhes façam, pelas filhas, o que, pelos filhos fazem os Padres, que ensinam com proveito português, solfa, canto e ofícios. Nos colégios de São Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco há lentes que lêem gramática, lógica, latim e até uma hora de poesia, do 2º livro da "Eneida".

Daí afirmar logo após o mesmo Afrânio Peixoto que, "ao ser expulso, em 1759, pelo Marquês de Pombal, a Companhia, sofreu o Brasil a primeira e desastrosa das suas reformas de ensino".

Não foi só no Brasil que o menosprezo da pedagogia inaciana acarretou males sem conta, de que ainda hoje padecemos os dolorosos efeitos. As convulsões e os desastres sociais dos últimos tempos, marcos sangrentos de uma civilização suicida, apenas atestam que a formação cultural à margem do Cristianismo não passa de desumanização do homem.

Os jesuítas possuem um ideal educativo. Apontam um destino seguro. Sabem o que estão fazendo, por que estão fazendo e para que o fazem.

Desprezado esse ideal, que é o da própria Igreja, caiu a humanidade, como diz Stanley Hall, "na obscuridade pedagógica, sem ter, além disso, a menor idéia da sua decadência".

Quis-se apontar a ciência como ideal educativo, havendo mesmo Bacon afirmado que *knowledge is power,* e Spencer escrito nos *Ensaios sobre a Educação* que para a disciplina intelectual, moral e religiosa o estudo mais eficiente é o da ciência. Mas os fatos vieram provar e o estão comprovando que "a ciência não existe", como sustenta Max Scheller. E William James, depois de explicar poder "naturalmente colocar-se na situação do *homem de ciência* sectário e representar ao vivo, no espírito, que o mundo das percepções e das leis científicas resume todo o universo, é obrigado a voltar a si ante um protesto que lhe vem do fundo d'alma. Porque, diz ele, a ilusão é ilusão mesmo quando arranja um nome científico, e o eco geral da experiência humana da vida força irresistivelmente a transpor os reduzidos limites da ciência".

Também Claparède, na "Psicologia do Menino", sustenta ser um erro, do qual nos devemos persuadir, julgar que a Ciência pode oferecer-nos um ideal. A ciência, continua o grande pedagogo suíço, explica a

marcha dos fenômenos porém é incapaz de apontar uma diretriz aos fenômenos. A Química nos esclarece a respeito do poder explosivo da dinamite, mas não explica a forma de usar esse poder, se na exploração de minas, se no atentado a um poderoso. A Fisiologia nos ensina os efeitos da morfina, mas não diz como utilizá-la, se no aliviar doentes ou no exterminá-los; limita-se apenas a explicar a dose indispensável ao alívio e a necessária à morte. E é só. Pronta a receita, pouco se lhe dá o emprego a ser dado.

A religião é a ordenadora da disciplina humana. O problema religioso domina a arte, a sociologia, a história, a psicologia, as manifestações todas da vida cultural.

E está aí o segredo magnífico das grandes vitórias da pedagogia inaciana no campo intelectual, a ponto de se convir que todo jesuíta é um sábio. É porque em tudo move a Companhia procurar a glória de Deus na sua maior amplitude. Ou como queria o próprio Santo Inácio, em carta aos escolásticos de Coimbra: *"proprium est Instituti, ut majorem Dei gloriam summa cum amplitudine quaeramus; ut tam quoad nos quam quoad proximum, semper quod majoris perfectionis est procuremos; et hoc in omni genere et numero personarum, per omnia media scilicet virtutum omnium".*

E continua o Santo na mesma carta: "Apesar de vos ver eu correr na senda do Senhor, nem por isso me sinto desobrigado de esporear-vos os flancos; por fim é preciso dizer-vos a verdade integral — se vossa correspondência deve igualar a vossa obrigação, nem menos exigível é da vossa parte uma dianteira extraordinária que vos aponte como homens que excedem nas ciências e na perfeição religiosa; considerai vossa vocação e compreendereis que aquilo que para os outros não passava de coisa ordinária e pouco importante, não o será igualmente para vós".

O interesse da Companhia, pois, como diz o próprio fundador, é procurar, em todas as coisas, *"quod est optimum"*, isto é, o melhor, o mais perfeito.

O jesuíta, assim, está obrigado a não contentar-se com o bom, mas a procurar sempre o melhor. Porque, sem esse espírito, escreve o padre Lallemand, considerar-se-ia ele desnecessário à Igreja, uma vez que as coisas ordinárias podem ser feitas igualmente pelos outros.

Ao lado da ciência e da perfeição o jesuíta coloca a indiferença. Não se entusiasma com as vitórias nem se acabrunha com as perseguições: "A classe da sétima no Colégio, a vigilância penosa dia e noite entre as paredes da sala de estudo ou do dormitório; a China, as Índias, os selvagens, os infiéis, o árabe e o turco, as repúblicas e as monarquias, o ardor dos trópicos e os gelos do Norte; a heresia, a incredulidade; as campanhas, as resistências sangrentas do bárbaro, as lutas polidas da civilização; a missão, o confessionário; a cátedra; as pesquisas estudiosas; as prisões, os hospitais, os lazarentos; os exércitos; a honra, a ignomínia; a perseguição, a justiça; a liberdade; os calabouços; as graças dos poderosos ou o martírio;

contanto que Jesus Cristo seja anunciado, a glória de Deus propagada, as almas salvas, tudo o mais é, para o jesuíta igualmente indiferente" (P. de Revignau).

É com razão superabundante que Pio XII, repetindo Pio IX e Pio XI, e fundado na história, assevera que o orbe católico, reforçado por Inácio, com oportuno auxílio, pôde em breve respirar. E assim como Deus suscitou para outros tempos varões santos, assim para os novos erros da época suscitou a Santo Inácio e a Companhia por ele fundada.

Homens do humanismo, não haverá nenhum exagero em atribuir-se-lhes o marco mestre da Renascença.

Preparado pelas cruzadas, mal aplicado pela Reforma, desumanizado pelo neopaganismo, foi nos jesuítas que o Renascimento encontrou os verdadeiros propugnadores e os mais perfeitos realizadores. Porque é a eles, na verdade, que se deve não o "novo nascimento da inteligência européia", como é vista a Renascença por Rashdall, mas uma nova criação de cultura intelectual, de que o estudo das humanidades é a fase mais típica. Até então eram conhecidos como "letras humanas", ou "humanidades" todos os estudos literários. Foram os filhos de Santo Inácio, como assevera Lantoine, na *"Histoire de l'enseignement secondaire au XVII Siècle"* quem reservou esses nomes para uma classe especial, intermediária da de gramática e de retórica, e destinada a formar o estilo, com o aperfeiçoamento dos estudos gramaticais, fundamento daquele e abrindo caminho para a eloqüência e a poesia. Nesse curso impera Cícero, Virgílio e Horácio, adota-se a História e continua-se com o grego além de rudimentos de erudição.

Bem merece, pois, a Companhia de Jesus figurar no centro da reforma humanista. Não é que tenha criado um ideal de educação literária. Este já vivia no espírito da época e fazia parte da mentalidade dominante. Mas o grande mérito dos jesuítas, realizando um trabalho que ainda hoje é novo e perfeito, e de valor tanto mais apreciado quanto menos seguido, foi segundo Ruiz Amado, "não só a conciliação dos estudos clássicos com a religião e a moral cristã, mas também obter uma formação intelectual intensa, capaz de habilitar os alunos a penetrar, com pé firme, nas ciências maiores".

Eis aí, efetivamente, o grande segredo educativo. As ciências maiores ficam num templo servido pela majestosa escadaria das ciências menores.

Ninguém penetrará nele sem passar pelos degraus ascendentes das humanidades. Ora, o que se vê hoje nos métodos pedagógicos é a desordem na formação intelectual. O curso de humanidades engloba um enciclopedismo exagerado, de permeio com a heterogeneidade injustificável das matérias. A unicidade escolar no bom sentido é totalmente olvidada. O estudante preocupa-se mais em terminar o curso do que no realizá-lo conscientemente. Os programas pejados e intermináveis são a negação do princípio educativo inaciano — *non multa sed multum.* E daí essa nuvem

de mediocridade que está empanando o sol da inteligência moderna, ou essa jactância inconcebível da ignorância pavoneada em sabedoria do autodidata. Tudo por falta de um preparo sólido e ordenado na fase da formação humanística.

Diz Berdiaeff no seu *Nouveau Moyen Age* que assistimos ao fim do Renascimento. Na verdade estamos no limiar de uma idade nova, como assegura Tristão de Ataíde. Mas de uma coisa fiquemos certos. É o espírito e não a matéria que marca as transformações por que passa a humanidade. E quando o espírito se debilita a humanidade degrada-se. A vida possui um centro espiritual que assegura o poder criador da inteligência. Quando o homem despreza as atrações do espírito para apegar-se aos devaneios da matéria descentraliza as suas ações, desperdiça as suas energias, destrói a sua unidade social e passa a debater-se no vácuo das indecisões, que principiam por aniquilar o espírito para acabar destruindo a matéria.

Toda a vida é uma questão de filosofia. Toda filosofia é uma questão do espírito. Todo espírito é uma questão da eternidade. Toda eternidade é uma questão de Deus.

A questão de Deus, após o Cristo, é resolvida apenas pelo Catolicismo, que, segundo Berdiaeff, esse russo cismático, não somente conduz o homem ao céu, como também suscita a beleza e a glória sobre a terra.

Santo Inácio de Loiola compreendeu perfeitamente este segredo cristão. *Ad majorem Dei gloriam* afirmou ele como paradigma da sua Companhia. Para maior glória de Deus sejam todas as nossas ações. Desde as mais pequenas às mais importantes. E, por ser o homem o único animal inteligente, que se utiliza desse privilégio pelo qual é assemelhado à divindade, para que a divindade comece a receber aqui mesmo na terra a glória a que faz jus. Servir a Deus é obrigação de todo ser criado. Servir a Deus inteligentemente é privilégio particular do homem. Que o homem, pois, desenvolva cada vez mais essa inteligência, aperfeiçoe cada vez mais os seus conhecimentos, aprimore sempre e mais os dons do espírito, na realização da verdadeira pedagogia humanista que é a posse de toda a ciência humana para mais bem honrar a ciência divina.

Tem sido esse, nestes quatro séculos de vida, o papel da Companhia de Jesus. Ela é, verdadeiramente, a grande universidade humana.

E quaisquer que sejam os rumos que a história venha a tomar nos séculos vindouros, o homem só será homem se não desprezar as diretrizes da Companhia fundada por Santo Inácio e que corporificam todo o cabedal de cultura das gerações passadas e hão de consubstanciar todas as conquistas da inteligência em todos os tempos, porque, como a Igreja, de que é prolongamento ativo e denodado, ela possui, guarda e defende para todo o sempre a única fonte de toda a sabedoria que é a Verdade!